

## Dois dias para desenhar o futuro

**Nos dias 8 e 9 de dezembro, cerca de duzentas pessoas puderam discutir as mudanças ocorridas na instituição, apresentar suas dúvidas, preocupações e contribuições para o aperfeiçoamento da Unifesp.**



Os debates foram coordenados pelo reitor e contaram com representantes da comunidade

Dividido em três módulos, o fórum *Novos Rumos da Unifesp* debateu aspectos ligados às transformações internas advindas da criação de uma Fundação de Apoio; os desafios e perspectivas do processo de expansão da Unifesp; e as propostas para um novo modelo de gestão universitária surgidas intramuros e na sociedade. Em cada módulo, ao final da exposição dos palestrantes, foi aberto um debate que contou com participação da platéia e de pessoas indicadas por entidades representativas dos docentes, servidores e alunos da Unifesp.

No módulo sobre as Fundações de Apoio, os palestrantes – Durval Rosa Borges (Fap Unifesp), Flávio Fava de Moraes (Fundação de Apoio à Faculdade de Medicina da USP) e Francisco de Assis Alves (Conselho de Fundações das Instituições de Ensino Superior - CONFIES) – deixaram claro o enorme potencial dessas fundações como instrumento para captar recursos que viabilizem o crescimento das universidades, o financiamento

da pesquisa e o atendimento a demandas internas que o Estado, historicamente, vem se mostrando incapaz de suprir.

Ao mesmo tempo, também ficou evidente a importância de garantir a transparência na gestão dos recursos, criar mecanismos para evitar o desvio de funções; assegurar a subordinação das fundações aos interesses da sociedade; e, sobretudo, ter certeza de que a existência das fundações não sobrecarrega o Estado de continuar investindo forte no ensino público gratuito.

### Expandir experiências

Ainda no primeiro dia do fórum, o módulo sobre a expansão da oferta de vagas no ensino público superior teve apresentações das experiências da Unesp (reitor Marcos Macari) e da própria Unifesp, por meio da coordenadora de Expansão, Lucila Carneiro Vianna, e dos coordenadores pedagógicos dos novos campi Baixada Santista, Diade-

ma, Guarulhos e São José dos Campos. O diretor da Secretaria de Ensino Superior do MEC, Manuel Palácios, representou o ministro Fernando Haddad e abordou o Programa de Expansão das IFES implementado pelo Governo Federal.

O reitor da Unesp falou sobre o desafio de integrar campi de características tão distintas e geograficamente separados. A equipe da Unifesp contou detalhes de todo o processo que resultou na atual expansão, enfatizando os benefícios desse novo caminho, seja na criação de uma “universidade de fato”, pela integração de outras áreas do conhecimento, pela diversificação da pesquisa e pelo reposicionamento da Unifesp na chamada matriz da Andifes e obtenção de mais recursos junto ao MEC.

### Gestão flexível

Em pleno sábado, dia 9, uma platéia atenta ouviu o representante do MEC, o reitor Ulysses Fagundes Neto e o presidente da Adunifesp, Francisco Lacaz, trocarem idéias sobre a necessidade de se buscar formas inovadoras de gerir as universidades públicas. Flexibilização das normas de ingresso, da estrutura de cursos e de departamentos; democratização das instâncias decisórias e implantação de uma real cultura de avaliação e reconhecimento do mérito foram apenas algumas das propostas debatidas.

**Nas próximas páginas, um resumo dos principais pontos discutidos durante o fórum *Novos Rumos da Unifesp*.**

**unifesp**

### Comunidade discutirá pesquisa

A reitoria convida toda a comunidade para participar do I Workshop da Rede de Pesquisa da Unifesp, que será realizado dia 8 de fevereiro, no teatro Marcos Lindenberg. Informações no site: <http://proex.epm.br/eventos/even.htm> ou pelo telefone: 55764457.

# Abertura discutiu os prós e contras das Fundações



Durval apresenta atividades desenvolvidas em 2006

Durante quatro horas, a comunidade da Unifesp e do Hospital São Paulo debateu no módulo inicial do fórum *O Papel das Fundações de Apoio às Universidades*. Os três palestrantes convidados apresentaram o potencial dessas instituições para captar recursos privados, melhor administrar as verbas públicas e otimizar as atividades da Universidade, trazendo visões diferentes sobre a implantação, execução e o cotidiano de uma fundação.

Francisco de Assis Alves, diretor do Confies, explicou a origem histórica das fundações, colaboradoras em potencial das universidades públicas. As experiências de sucesso e dificuldades enfrentadas durante os 20 anos da Fundação da Faculdade de Medicina da USP foram tema de seu diretor geral, Flávio Fava de Moraes, que também abordou as formas encontradas pelos gestores e respectivos Conselhos para contornar dificuldades históricas, como a necessidade de assegurar uma complementação salarial para fixar os bons profissionais. A viabilização de projetos por meio da captação de recursos junto à iniciativa privada foi outro tema apresentado.

Um raio-x da estrutura da Fap Unifesp foi feito por seu diretor Durval Rosa Borges, que abordou as ações em andamento nas áreas de ensino, pesquisa, extensão e desenvolvimento institucional, científico e tecnológico, destacando, ainda, a constante inadequação entre o orçamento disponibilizado pelo MEC e as atividades desenvolvidas pela Unifesp, o que gerou a criação da Fap.

## Um ano de atividades


Criada no final de 2005, a Fundação de Apoio (Fap) atua na Unifesp com o intuito de centralizar a captação e o recebimento de verbas (públicas e privadas) e distribuí-las de acordo com as necessidades dos departamentos e demais unidades acadêmicas. "A Fap é um elo entre a sociedade e a universidade, que traz recursos para investir nas produções acadêmicas", afirmou Durval.

A área de pesquisa conta ainda com grande parte do financiamento pela própria Universidade. De acordo com dados levantados pela Fundação, cerca de 69% desses estudos são bancados por verba interna e apenas 9% são patrocinados por empresas, como laboratórios e indústrias farmacêuticas. Esses recursos, oriundos da sociedade e destinados às pesquisas, são utilizados de várias formas: realização do projeto, remuneração do Hospital São Paulo pelo serviço prestado e ressarcimento do uso de materiais, espaço físico e recursos humanos, reservando-se uma parte para um fundo de apoio.

Entre as atividades previstas pela Fap para 2007, por meio de suas diferentes coordenadorias, estão: buscar pesquisas e novas tecnologias que possam ser utilizadas por empresas para desenvolver produtos, processos e métodos; desenvolver o projeto do edifício de Pesquisas III, com







EXPEDIENTE

Universidade Federal de São Paulo  
Ministério da Educação  
Reitor: Ulysses Fagundes Neto  
Vice-reitor: Sérgio Tufik  
Pró-reitor de Administração: Sérgio Antonio Draibe  
Pró-reitor de Graduação: Luiz Eugênio Araújo Mello  
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Nestor Schor  
Pró-reitor de Extensão: Walter Manna Albertoni

Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina  
Presidente: Ulysses Fagundes Neto  
Vice-presidente: Sérgio Tufik

Jornal Unifesp  
Nº12 - Ano 3 - janeiro / 2007  
Publicação do Complexo Unifesp/SPDM

Departamento de Comunicação e Marketing Institucional  
Diretora: Regina Stella

Responsabilidade editorial  
Ricardo Viveiros Oficina de Comunicação

Editor: Luiz Carlos Lopes (MTb 16.091)

Reportagem: Ada Caperuto, Adriana Lanzi, Ana Cristina Cocolo, Cristina Pupo, Lara Schulze, Milena Prado, Renata Toledo Piza, Renato Conte, Sacha Silveira e Suzana Ribeiro

Fotografia: Stela Murgel

Arte e diagramação: Conceito Comunicação e Design  
Direção de arte: Sérgio Merli  
Assistente de arte: Andreia Gualberto de Oliveira

Impressão: Vox Gráfica e Editora

Tiragem: 7 mil exemplares

Periodicidade: mensal

Fale com a gente  
Redação, Publicidade e Administração  
Rua Botucatu, 740 - Vila Clementino CEP 04023-062, São Paulo (SP)  
Tel. (011) 5085.0279 / 5539.4746 / 5571.4359 / 5579.1328  
e-mail: todos.jp@midia.epm.br  
www.unifesp.br/comunicacao/sp

laboratórios de uso comum, bancos de material biológico; ampliar os convênios internacionais de intercâmbio de pós-graduandos pesquisadores; apoiar equipes multidisciplinares e assessorar na captação de recursos.

"A Fap tem uma história recente, mas com a



Vantagens da desburocratização e dúvidas sobre o risco de omissão do Estado foram pontos controversos





Assis: fundações são voltadas ao interesse coletivo

vantagem de estar associada a uma instituição plena de capacidade e de alta qualidade na área de assistência e ensino. Apesar de ser nova, percebi que está bem estruturada, já encontrou o foco de atuação e está ciente de que terá desafios à frente”, elogiou o diretor geral da Fundação da Faculdade de Medicina da USP, Flávio Fava de Moraes.

### Terceiro setor

Para tentar suprir as necessidades da universidade pública, o Estado se aliou ao terceiro setor, que movimenta anualmente trilhões de dólares. “Essa parceria tem dado bons resultados. As fundações de apoio às universidades são um exemplo. Criadas para captar recursos e otimizar as atividades, são entidades sem fins lucrativos e voltadas para o interesse coletivo”, resumiu em sua explanação o diretor do Confies, Francisco de Assis Alves.

Ainda segundo Alves, a entrada em cena das fundações de apoio, além dos investimentos privados e parcerias, trouxe mais flexibilidade de gestão e conseguiu suprir lacunas da academia e dos hospitais públicos, fugindo ao excesso de burocracia. “A autonomia prevista na constituição federal está longe de se tornar efetiva. Aí está uma grande vantagem das fundações”, declarou.

### Apoio e transparência

“As fundações são os melhores exemplos que eu conheço de como tornar público o dinheiro de origem privada”, afirmou Flávio Fava de Moraes, que traz em seu currículo a experiência de ter gerido fundações públicas (Fapesp e Fundação Seade) e privadas (Fuvest e atualmente Funda-

ção da Faculdade de Medicina da USP).

Com base nesse histórico pessoal, Fava defendeu duas diretrizes básicas para o sucesso de uma fundação: apoio e transparência. De acordo com o gestor, algumas fundações não se restringem à tarefa de apoio, diversificam suas ações e acabam comprometendo a instituição apoiada. Normalmente isso é um problema de administração. “Uma gestão de bom senso sabe que não deve ser um poder paralelo à universidade. Ao contrário, a fundação carrega o princípio de subordinação à academia”, explicou. Para garantir a transparência da Fundação, Fava apresenta um relatório detalhado mensal para a comunidade da FMUSP.

### Experiência da USP concentrou atenções

Durante o debate, um dos pontos mais polêmicos foi a discussão sobre a autonomia da universidade e a transferência de suas principais atividades para o âmbito privado, no caso, as fundações. De acordo com a primeira secretária da Adunifesp, Soraya Smaili, a preocupação é de que as fundações alimentem a desobrigação do Estado em proporcionar educação pública gratuita. “Somos contra as privatizações”.

De acordo com o professor Fava, a USP tem 30 fundações – algumas com décadas de existência – e, se fosse verdade que essas instituições representariam o início de um processo de privatização das universidades públicas, a USP deveria receber um atestado de incompetência

por ainda continuar sendo pública.

Francisco Alves admitiu que podem haver fundações que desviam dinheiro, gestores que acumulam funções, verdadeiras “fraudações”, que quando denunciadas não se defendem e preferem a omissão. “Isso prejudica e muito”, diz. “Nada melhor do que ter as contas transparentes e apresentadas à comunidade para acabar com possíveis dúvidas”, concluiu Fava.

Salários complementares, captação de recursos privados para a instituição pública, diminuição da participação do Estado e aparição do terceiro setor como investidor em projetos de saúde foram outros temas que desencadearam as discussões mais calorosas entre palestrantes, membros das entidades representativas e platéia.

Durante sua apresentação, o Fava explicou que a Fundação da FMUSP utiliza a complementação salarial como forma de diminuir problemas como a disparidade de salários entre 6 mil funcionários (62% do total) do Hospital das Clínicas e os trabalhadores do setor privado. A isonomia salarial também só foi possível porque a Fundação contrata o funcionário público e garante os mesmos níveis salariais de quem é seu empregado direto. “Se não existisse a receita adicional da Fundação, não teríamos como investir em obras e equipamentos. O orçamento do Estado não supriria as necessidades do hospital, porque ele é praticamente consumido apenas pela folha de pagamento”, informou o diretor geral.



Fava: é a melhor maneira de tornar públicos os recursos privados

# Expansão: desafios e perspectivas



Nildo explicou como superou dificuldades na Baixada

Em um período de dois anos, a Unifesp elevou de cinco para 19 o número de cursos de graduação oferecidos. O total de vagas no vestibular saltou de 300, até o fim de 2005, para 1.200 neste começo de ano. A trajetória e os desafios que permitirão à Unifesp levar a excelência reconhecida há décadas na saúde para as demais áreas do conhecimento, a partir de 2007, foram os temas centrais no segundo módulo do fórum, que contou como palestrantes com os responsáveis pelo processo de expansão, além do representante do Ministério da Educação, professor Manoel Palácios, e do reitor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Marcos Macari.

No final de 2003, pouco depois de a Unifesp aceitar o convite para estruturar um campus na Baixada Santista, o Governo Federal apresentou seu Programa de Expansão das Universidades Públicas Federais, acenando com a possibilidade de a Unifesp assumir novas unidades no Estado de São Paulo. "Nossa Universidade percebeu nesta proposta uma chance única para ampliar sua área de atuação", explicou no encontro a professora Lucila Amaral Carneiro Vianna, coordenadora de Expansão da Unifesp. "Crescer em termos de recursos humanos, incrementar sua produção científica, aumentar a área física e sua representatividade no cenário nacional, obtendo, em consequência, financiamento mais adequado".

Identificada a oportunidade, o corpo diretivo

procurou obter das autoridades federais a garantia de que teria os recursos financeiros necessários à execução dessa ousada empreitada. "A instituição quis ter certeza de que não estava partindo para uma aventura", lembrou Lucila. Após algumas conversas com a direção da Universidade, o Ministério da Educação (MEC) ratificou apoio à expansão. Até o momento, R\$ 32 milhões foram destinados especificamente à construção e implantação dos novos campi. Além da ampliação física, o processo envolveu, ainda, a abertura de concursos para contratação de 241 docentes, todos com doutorado, e 162 funcionários técnico-administrativos.

A partir de 2006, com a abertura do campus Baixada Santista e com os 14 novos cursos de graduação que se iniciam em 2007, outra conquista foi a ampliação da área física da Universidade, que já totalizou 73 mil metros quadrados construídos e área total de quase 427 mil metros quadrados, sem contar o espaço que cabe à Unifesp no Parque Tecnológico de São José dos Campos. É importante lembrar que a área ocupada e o número de alunos na graduação são componentes com peso significativo na matriz da Andifes, espécie de equação que orienta o MEC na distribuição do orçamento de custeio para cada universidade.

## Baixada Santista

Para essa nova etapa, a Unifesp resolveu inovar e adotar um modelo de gestão universitária que oferecesse respostas mais imediatas às demandas regionais, criando nova diretriz pedagógica, focada numa proposta transdisciplinar, que foi pioneiramente implantada nos cinco cursos do campus Baixada Santista.

A nova unidade terminou o primeiro ano de funcionamento comemorando a posse definitiva dos terrenos recebidos do Governo do Estado (Codesp e Hospedaria dos Imigrantes), o que permitirá o início da construção do campus definitivo. Para comportar os alunos dos cursos de Psicologia, Nutrição, Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, cujo número dobra em 2007, foi alugado um novo

prédio, na Ponta da Praia, que irá abrigar as salas de aula. O edifício da avenida Ana Costa continuará em funcionamento, com os setores administrativos e alguns laboratórios. "As dificuldades iniciais, já previstas, estão sendo plenamente superadas", apontou o diretor pedagógico do campus, Nildo Alves Batista, que realçou a boa aceitação do projeto pedagógico de ensino interprofissional pelos alunos e pelos professores. "O formato curricular, que rompe com as disciplinas clássicas e introduz o trabalho em equipe desde a graduação, permite que os graduandos conheçam as especificidades de todas as profissões".

Batista destaca que o principal desafio para 2007 é implantar os projetos de pesquisa e a pós-graduação na Baixada. "Já tivemos oito projetos aprovados por agências de fomento, além de um, aprovado pelo CNPq, que toma o próprio projeto pedagógico do campus como objeto de pesquisa".

## Diadema

Muita conversa com a população local, com empresas e com a administração pública do município nortearam a definição dos cursos de Farmácia e Bioquímica, Ciências Biológicas, Química e Engenharia Química para o campus Diadema. Como a cidade tem um parque industrial forte em autopeças, a Unifesp pretende atuar no manejo sustentável da produção, diminuindo a contaminação ambiental e melhorando a qualidade de vida. Para tanto, formará profissionais não apenas em áreas específicas, mas aptos a atuar na interface dessas áreas. "O biólogo será capacitado para 'conversar'



Diadema: formação de acordo com as necessidades da comunidade local





Cynthia Sarti



Luiz Eugênio Mello



Walter Albertoni

**Introdução à pesquisa, desenvolvimento de trabalho social e novos cursos são os próximos passos do processo da expansão**

com um químico; o engenheiro, com o farmacêutico e assim por diante”, exemplificou a diretora pedagógica Virginia Berlanga Junqueira.

A unidade terá ainda uma Central de Medicamentos e uma Central Analítica onde graduandos e pós-graduandos poderão desenvolver técnicas de identificação, separação e cruzamento de amostras químicas e biológicas. “Nessa proposta e com esses recursos, simultaneamente eu ensino o futuro profissional, produzo o remédio, treino o técnico e ofereço medicamento para a Unifesp e seus hospitais”, concluiu Virginia.

Além disso, a área em que a Unifesp funcionará é cercada pela represa Billings, que está altamente contaminada por ação industrial e por falta de estrutura sanitária, devendo ser um dos objetos de atuação prática dos alunos e docentes, beneficiando a comunidade.

## Guarulhos

Nessa unidade, o desafio é a entrada em uma nova área do conhecimento: as Humanidades. A diretriz curricular dos cursos de Filosofia, Pedagogia, Ciências Sociais e História também foi elaborada visando o diálogo interprofissional. Guarulhos inaugura, ainda, os cursos noturnos na Unifesp.

A diretora pedagógica do campus, Cynthia Andersen Sarti, ressaltou a importância do ensino de língua estrangeira (há no corpo docente professores de inglês e francês) para a formação geral dos alunos e o projeto de um futuro curso de Letras.

Outro desafio é despertar nos alunos o interesse pela pesquisa. Cynthia explicou que, nesta área, a produção acadêmica é feita de forma bastante diferente da que acontece em Saúde ou Exatas.

“Como auxiliar no desenvolvimento desta especi-

ficidade, temos o projeto de uma biblioteca, que é fundamental para pesquisa e ensino na área”. A expectativa pela qualidade deste acervo é das mais altas. A biblioteca deverá conter as principais obras da literatura universal na língua original em que foram publicadas. As mais raras serão garimpadas em coleções particulares e sebos.

## São José dos Campos

Há algum tempo a Unifesp vem articulando a implantação de um Instituto de Tecnologia no Parque Tecnológico de São José dos Campos. Desta articulação, e apoiada no suporte oferecido pelo poder público local, surgiu a idéia de investir em cursos de graduação naquele município. O primeiro a ser implantado pela Unifesp é o de Ciências da Computação, já em 2007.

Para o futuro, a pró-reitoria de Graduação estuda a possibilidade de implantar cursos de Enfermagem, carreira com grande demanda na região, e Medicina Veterinária, “fazendo link com a idéia de criar um curso de biotecnologia, onde se possa produzir animais transgênicos em larga escala, com capacidade de produção de imunobiológicos em escala industrial”, explicou o pró-reitor de Graduação, Luiz Eugênio Moraes Mello.

## Santo Amaro

Assim que for assegurada a viabilidade financeira, o terreno recebido em 2005 da prefeitura paulista na zona Sul da capital deverá comportar um campus avançado da Unifesp São Paulo. O pró-reitor de Extensão, Walter Manna Albertoni, lembrou durante o fórum que a Unifesp já desenvolve trabalhos sociais com a comunidade local. “Nossa Universidade entrou na região com o projeto Pira-

do, que visa a formação para o trabalho e colocação profissional, ensinando desde como criar um currículo até a maneira de se apresentar na entrevista para um emprego”.

A Unifesp realizará um debate com a comunidade antes de definir o perfil do campus avançado, mas a tendência é de que sejam introduzidos cursos de Economia, Administração, Matemática, Estatística e Ciências da Computação. Mas, enquanto essa definição não acontece, é muito provável que o local abrigue atividades sociais, como o próprio projeto Pirado, unidades da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), Cursinho Pré-Vestibular Jeannine Aboulafia (CUJA) e Escola de Artes, Ofícios e Computação (EAOC). “Há espaço, ainda, para quadras poliesportivas. Isso pode ser feito rapidamente, pois não demanda grande montante financeiro”, concluiu Albertoni.



Lucila Vianna apresentou um panorama geral da expansão

# Gestão universitária e reforma acadêmica ocuparam último módulo



Reitor destacou salto de qualidade com os novos campi e valorização do corpo docente

A necessidade de modificar o financiamento dos hospitais universitários (HU) e a reforma acadêmica das universidades públicas foram os dois temas centrais da palestra *Modelos de Gestão das Universidades Públicas*, proferida na manhã de sábado por Manuel da Cunha Melo Palácios, diretor do Departamento de Desenvolvimento da Educação Superior do MEC. Além destas questões, o presidente do Adunifesp, Francisco Antonio de Castro Lacaz, abordou em sua fala aspectos como a formação do profissional da saúde, mudança curricular, financiamento do ensino público e dos hospitais universitários e a convocação de uma nova Estatuinte para a Unifesp. As conquistas acumuladas em 73 anos de história, o progresso e a expansão da Universidade Federal de São Paulo deram a tônica da palestra *Unifesp: o presente, a transição e os desafios do futuro*, feita pelo reitor Ulysses Fagundes Neto.

Manuel Palácios iniciou sua exposição chamando a atenção dos participantes para a urgência de se construir um novo modelo de gestão dos hospitais universitários e a necessidade da reforma na educação do ensino superior. No primeiro caso, Palácios acredita que deva haver uma maneira mais adequada de financiamento

dos HU, incluindo autonomia na decisão de onde aplicar os recursos. Atualmente, a alocação orçamentária prejudica o fechamento das contas do MEC, que arca com a contratação irregular de 13 mil profissionais não concursados em todo o País. Enquanto isso, o Ministério da Saúde resiste à idéia de pagar os servidores dos HU, hoje sob a responsabilidade do MEC.

“Certamente, o Ministério da Educação preferiria contratar professores e ampliar o atendimento da educação superior, com abertura de novos cursos e novas unidades acadêmicas, ao invés de empenhar um bilhão de reais do seu orçamento no financiamento da assistência hospitalar”, revelou Palácios, mesmo admitindo ser inegável a participação dos hospitais no processo de formação de novos profissionais.

Quanto à reforma acadêmica, ele sugeriu mais flexibilidade curricular, facilitando o trânsito de alunos

entre os cursos e entre as universidades para acabar com a grande ociosidade no ensino superior. “Medidas como simplificar a transferência de alunos entre universidades podem resolver o problema da evasão em alguns cursos, principalmente na área de humanas. No setor privado, há grande interesse na transferência para a universidade pública”.

Para finalizar, Palácios falou da importância de uma mudança na estrutura curricular dos cursos, com inclusão de mais disciplinas eletivas, para que o aluno possa construir uma trajetória universitária de acordo com seus interesses, experimentando diferentes possibilidades de formação, o que, segundo ele, é fundamental para abrir caminho na mobilidade entre as escolas e dentro das universidades. Uma alternativa neste sentido é a proposta que vem sendo defendida pela Universidade Federal da Bahia, que propõe a organização em três ciclos: três anos de pré-graduação; dois a quatro anos de formação profissional e pós-graduação; e ingresso no vestibular sem definição de área de formação profissional.

## A visão dos docentes

Em sua palestra, o representante dos professores levou três posicionamentos da diretoria da Adunifesp para o debate. O primeiro referente ao papel da universidade pública na formação de profissionais com habilidades para trabalhar junto



Palácios propõe urgência na discussão de novo modelo de gestão universitária





*Necessidade de flexibilizar currículo e de rediscutir a organização interna da Unifesp foram temas do segundo dia*

ao Sistema Único de Saúde. Outra questão foi a proposta de mudança curricular nas profissões da saúde. “A nossa área tem uma experiência que pode ajudar no diálogo com outras áreas do conhecimento”, disse Francisco Antonio de Castro Lacaz, em apoio à flexibilização curricular.

Mas o grande descontentamento do representante da entidade é quanto ao que chama de falta de democratização das instâncias decisórias da instituição. “A nova Estatuinte deve discutir qual modelo a Universidade pretende adotar, porque hoje temos uma estrutura engessada e sem representação adequada de todos os setores”. Outra preocupação é quanto ao financiamento da pesquisa. Para Lacaz, o Estado está deixando de cumprir seu papel enquanto investidor junto às instituições públicas, indo contra o que rege a Constituição Federal. Ao mesmo tempo, reclamou que o MEC só tem liberado verbas para graduação nos novos campi, o que contraria a idéia de indissociabilidade entre ensino e pesquisa.

Finalizando a palestra, Lacaz pediu autonomia financeira e patrimonial para a Unifesp, com um regulamento próprio de normas e procedimentos, incluindo prestação de contas, além de medidas concretas para sanar o problema financeiro dos

HU. “Medidas paliativas têm fôlego curto e as tabelas que o SUS paga não cobrem os gastos”.

### Transição e desafios

Iniciando a exposição dos avanços e o futuro da Unifesp, o reitor Ulysses Fagundes Neto destacou o aumento do número de alunos de graduação: até 2005 eram 1.343, aumentando para 1.520 em 2006 e saltando, em 2007, para 2.170 alunos. O reitor lembrou, ainda, que todo esse crescimento virá acompanhado da manutenção da excelência na qualidade do ensino nos novos campi, onde 100% dos docentes têm título de doutor. No campus da capital, eles chegam a 95% e, no total, passaram de 572 para 803 na instituição.

Fagundes Neto concordou com a idéia de que chegou o momento de rediscutir a forma de organização interna da Unifesp. “Fizemos duas Estatuintes: a primeira em 1995, em que participei da redação como membro do Conselho Universitário; e a segunda, em que fui presidente da Comissão, aprovada em 2003, que está em vigor e ampliou a representatividade. Agora, demos mais um salto de qualidade e, com o surgimento de novos campi e cursos, nossos objetivos têm que ser modificados”, reconheceu, adiantando que a Estatuinte deverá deliberar sobre a criação de novos depar-

tamentos, institutos e uma nova pró-reitoria para cuidar de temas hoje abordados no âmbito da Coordenadoria de Expansão.

No término de sua palestra, o reitor se comprometeu a lutar para que os livre-docentes, uma vez aprovados pela Comissão Julgadora, independentemente de terem alcançado ou não o nível 4, sejam promovidos a professores associados e, uma vez aprovados pela Comissão, inseridos no nível 4, por questão meritória.

### Debate

Ao final das exposições, foi disponibilizada mais de uma hora para que palestrantes, representantes dos campi, dos estudantes e de vários outros setores da Unifesp dessem continuidade à reflexão de como promover a flexibilização do ensino, a mudança na grade curricular e melhorar o modelo de gestão universitária, com autonomia de gastos e captação de recursos. “Uma das intenções do debate foi informar algumas experiências que estão sendo desenvolvidas na Universidade e discuti-las com pessoas de locais diferentes, incluindo o MEC, nosso principal interlocutor. Neste começo de ano, vamos pensar num próximo fórum, a partir dos temas aqui levantados”, concluiu o reitor.

# Extensão também teve seu encontro

A Pró-Reitoria de Extensão (Proex) promoveu, dia 12 de dezembro, o Fórum de Extensão da Unifesp. Professores, alunos e representantes da comunidade se reuniram para avaliar o papel da extensão e sua importância na Universidade, além de trocar experiências sobre o impacto profissional e a transformação pessoal daqueles que vivenciam esta prática e o que pode ser feito para valorizar a atividade que, na maioria das vezes, é extracurricular.

"Nos últimos quatro anos, a Proex tem se empenhado muito para que estas atividades sejam entendidas como importantes para a formação dos nossos alunos e estamos trabalhando para encontrar soluções que valorizem tanto os discentes quanto os docentes envolvidos nesses programas", revelou Linda Bernardes, coordenadora de Programas e Projetos Sociais da Proex.

Foram justamente as propostas de valorização do contingente envolvido com os projetos e programas que causaram mais polêmica. Participantes do evento concordaram que é inegável o ganho profissional e pessoal dos que se dedicam à extensão mas, quanto à proposta de interdisciplinaridade e flexibilização curricular, não houve consenso. "As atividades sociais devem ser uma escolha do aluno, mas concordo que é preciso pensar em como valorizar esta prática, além do maior envolvimento e reconhecimento dos professores", disse Luiz Eugênio de Moraes Mello, pró-reitor de Graduação. O professor Edson José Correia, da Universidade Federal de Minas Gerais e coordenador da Área de Saúde do Fórum Nacional de Extensão, vai além: "Determinadas ações de extensão não precisam



Valorização da extensão e reconhecimento curricular dos envolvidos foram as principais reivindicações

estar no currículo, mas podem ser incluídas nele e a flexibilização tem que ser em cada disciplina".

## Aprendendo com a comunidade

Para Nildo Alves Batista, diretor Acadêmico do campus Baixada Santista, que em 2006 aplica a proposta pedagógica da multidisciplinaridade com objetivo de estimular a integração aluno-comunidade, "a transformação do aluno não tem a ver com a grade curricular; os nossos discentes deverão ser diferentes porque temos uma grande relação com movimentos de integração de diversos serviços e a própria comunidade, pois o aprendizado tem que ser bilateral".

"Nós estamos trabalhando pela valorização da extensão e espero que ela cresça junto com a expansão. Sentimos a mudança na nossa formação. Sou um biomédico diferente por ter vivido esta experiência", contou Átila Granados Afonso de Faria, então coordenador dos Projetos de Extensão do DCE – Diretório Central dos Estudantes e integrante do Cursinho Pré-Vestibular Jeannine Aboulafia (CUJA).

"Depois de seis meses no Projeto Rondon, passei a ver meu paciente de forma diferente, com os problemas e dificuldades do seu cotidiano. Lá aprendi a trabalhar em grupo e mudei muito como pessoa", relatou Clarissa Péric Feitas, do 4º ano de Medicina.

Esse é um tipo transformação que não acontece somente nos discentes. Dircelene Guilherme Mateus e seu filho Marcelo vieram direto da comunidade de Itapitanguí, em Cananéia, para falar da importância dos alunos da Unifesp na localidade e pedir que o programa não pare. "O bairro é muito necessitado e eles estão ajudando muito a gente. Estamos até com um projeto de produzir artesanato para vender", contou o artesão Marcelo.

## Valorização da aprendizagem

"Hoje a extensão é feita na hora do almoço, depois das aulas ou no fim de semana e nem sempre isto é reconhecido. Tem professor que acha que fazemos isto para não assistir aula", contou Selma Elói Machado, do 2º ano de Enfermagem e integrante do projeto Saber Cuidar. Dar a mesma importância à extensão que se dá à pesquisa foi outra reivindicação da maioria pois, como disse o professor Edson Correia, da UFMG, "a extensão não é mais 'marginal' e nem a 'prima pobre' das Universidades".

"Os alunos que passam pela extensão são diferentes. Já avançamos, mas ainda há muito a fazer e acredito que a expansão da Unifesp vai dar um novo valor à extensão, com a formação humana dos nossos profissionais", finalizou Walter Albertoni, pró-reitor de Extensão.

Mesmo ainda sem o reconhecimento que alguns alunos e professores gostariam, os projetos e programas de extensão da Unifesp têm algumas conquistas garantidas para 2007:

- A UATI, presente nos campus da Vila Clementino e Baixada Santista, deverá ter uma unidade em Santo Amaro;
- O Lar Escola São Francisco inicia em março um curso transdisciplinar de educação especial voltado a deficientes físicos e será incluído no Programa Saúde da Família;
- Os alunos do campus Baixada Santista avançam no primeiro projeto extramuros num dos lugares mais carentes da zona noroeste de Santos;
- O Projeto Cananéia poderá ganhar uma sede naquela cidade, com a cessão de um imóvel da União, conforme adiantou o reitor Ulysses Fagundes Neto.



Edson Correia descreveu a extensão na UFMG